#cm2

SEGUNDA-FEIRA

Danielle Winits estrela solo dirigido por Gerald Thomas

PÁGINA 5

Novo disco de Seu Jorge mira o mercado externo

PÁGINA 6

Festival do Rio

Entre a vida real e o reinado dos orixás

Marton Olympio conjuga o verbo lembrar sob o olhar da ancestralidade em 'Memóras Com Vista Pro Mar'

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Houve uma vez, ali entre os anos 1980 e 90, num planeta mucho loco chamado Bonsucesso, uma lanchonete cujo pastel tinha os formatos mais inusitados possíveis. Havia um com forma de urso panda e um com o aspecto de um caranguejo – todos gotejando uma mistura de óleo e caldo Knorr. O nome desse empório de guloseimas: a Favorita Lanches. Poucos se lembram dele, porém Marton Olympio, um carioca de Marechal Hermes (criado em Brás de Pina), não se esquece do menu de iguarias que lá existiam, ao alcance de quem passasse pelas cercanias da Praça das Nações. A lembrança veio à tona num papo do cineasta – que também é um dos roteiristas mais disputados do país na atualidade – sobre o verbo "lembrar", conjugado sob a desinência decolonial das ancestralidades africanas. "Memórias Com Vista Pro Mar", que ele vai exibir nesta segunda, às 19h, no Estação NET Botafogo 1, expande as fronteiras entre a vida material e o reinado dos orixás. O ponto de interseção: um corpo negro. Corpo esse que já não mais retém nem decanta as recordações como em seus tempos de mocidade.

Continua nas páginas seguintes

Divulgação

ENTREVISTA / MARTON OLYMPIO, CINEASTA E ROTEIRISTA

'A interseção entre o místico e o realismo é uma tecnologia ancestral de preservação da vida'

Festival do Rio

Divulgação

Felix, um pintor de 80 anos (vivido por um exuberante José Araújo) foge de um lar para idosos e encontra abrigo num banco à beira-mar

No longa, Felix, um pintor de 80 anos (vivido por José Araújo em comovente desempenho), foge de um lar para idosos e encontra abrigo num banco à beira-mar. Nas franjas do vestido de Iemanjá, ondas do passado materializam saudades e vivências, redesenhando momentos de um pretérito nem sempre perfeito, inclusive sua relação com o filho. Um elenco em estado de graça (Andrea Rodrigues, André Ramiro, Dani Ornellas, Hamilton Dias e o já citado Araújo) vai iluminar a sala de projeção da Rua Voluntários da Pátria 88, assim como há de abrir caminhos em sua exibição nesta terça-feira, às 21h15, no Cinesystem Belas Artes 5. Em ambas as sessões, a expressão autoralíssima de Marton compõe um programa com "As Vitrines", de Flavia Castro, que, a seu modo, num tônus político (de evocação às pessoas que resistiram às ditaduras da América do Sul), faz da arte de rememorar uma prática de desenraizamento e pertença.

Esse procedimento, a sístole do esquecer e a diástole do reviver, vem estruturando cada passo na trilha audiovisual de Marton, autor criador da série da Paramount + "Anderson Spider Silva", indicada ao Emmy. Ele tem um longa ("5 Pretos e 1 Pardo") em curso, para consolidar (mais) seu prestígio no posto de diretor, já testado e aprovado (lá fora e aqui) com "Mergulho", dirigido em duo com Anderson Jesus. Dirigiu também "A Dona da Banca", cujos episódios ainda não estrearam. No terreno da escrita do audiovisual, em scripts, a consagração dele está lavrada, sacramentada e aplaudida pelo público em seriados ("Cidade dos Homens") e filmes ("Alemão 2", "Sequestro Relâmpago") que assina. O garoto do subúrbio que se besuntava com a carne moída da Favorita Lanches ensaiou um flerte com a prosa, aos 12 anos. "Sonhava ser Fernando Sabino nessa época", confessa.

Hoje, já na casa dos 50, converteu a ambição de um dia escrever seu próprio "O Encontro Marcado" em destreza dramatúrgica aplicada à esgrima do script. Cultiva o rigor (salpicado de generosidade) também em sua atividade como professor/orientador de roteiristas, com especial destaque para seu trabalho no Laboratório de Narrativas Negras da Festa Literária das Periferias (FLUP). Seu Face, vez por outra, brada "Vai ter preto por todo lado", celebrando a ocupação de espaços num país ainda assolado pelo racismo. Nesta entrevista, o neto de Seu Olympio, grita "Laroyê!" e deixa a palavra ser sua mensageira.

De que maneira o cinema que você faz como realizador se volta para os temas da ancestralidade africana a partir de "Memórias Com Vista Pro Mar"? Onde está a interseção entre o mítico e o realismo na sua observação das vivências do povo preto?

Marton Olympio - A interseção entre o místico e o realismo é algo que me interessa profundamente. Eu encaro o tema como uma tecnologia ancestral voltada para a preservação, hoje, da memória; antes, da própria vida. Quando falo de antes, falo de antepassados escravizados que tiveram que desenvolver algum tipo de comunicação intramundos para sobreviver. Quando trato dessa conversa entre mundos, reconheço que é algo muito próprio do povo preto, dos meus ancestrais, de tudo o que eles atravessaram para que eu pudesse estar aqui agora, com o privilégio de trabalhar com cinema e escrever histórias. E viver disso. Há pouco tempo, a meta era apenas sobreviver, terminar o dia vivo — e isso não está tão distante de nós. Retomar essas vivências e essa comunicação é precioso, sobretudo quando trago personagens inspirados na minha própria família, como se vê nesse novo filme.

Como a experiência da direção redefine as bases da sua dramaturgia como roteirista?

Eu acho que mais potencializa que redefine. Ela me complementa, porque, no fundo, eu comecei a escrever justamente para poder dirigir aquilo que escrevo. Não existe um filme ou série que eu tenha escrito, que eu não tenha imaginado cada movimento, cada quadro em detalhes. Não consigo me ver apenas como roteirista se não visualizar a cena como um todo: entrada e saída dos personagens, ângulos, cortes. Acho que isso me facilita na escrita e me ajuda no desenvolvimento do roteiro. Estar na direção pra mim é um caminho natural. Não foram poucas as vezes em que vi uma cena que pensei estar realizada de forma

Divulgação

> *"Quando trato dessa conversa entre mundos, reconheço que é algo muito próprio do povo preto, dos meus ancestrais, de tudo o que eles atravessaram para que eu pudesse estar aqui agora"*

diferente. Talvez seja um jeito de controlar um pouco mais o material, apesar de que, em cinema, ter controle é algo praticamente impossível. Hoje, estar no set talvez me dê ainda mais segurança nesse lugar: de saber, de acordo com o tamanho da produção, até onde posso ir, sendo também um pouco mais realista no processo.

De que maneira a questão do esquecimento no âmbito particular, de um indivíduo já em fase outonal da vida, reflete os apagamentos de uma vivência social ligada à identidade negra?

Talvez essa demência do personagem, esse Alzheimer, seja realmente um pesadelo íntimo — um medo particular. Meu pai e meu avô passaram por isso. Existe uma figura emblemática para o cinema brasileiro, Cajado Filho, o primeiro cineasta negro do Brasil, com mais de cinquenta filmes. É o cara que, segundo o (diretor de comédias de sucesso Carlos) Manga, inventou a chanchada. Hoje, ao dar um Google em seu nome, só resta uma foto, quase nada além disso. Quando penso nele, isso me assusta. A nova geração de cineastas e escritores negros muitas vezes nem conhece sua obra, que traz filmes como "Esse Milhão é Meu" e "O Homem do Sputnik", primeiro filme de Jô Soares... Esse talvez seja também o meu medo e a pressa que tenho. Escrevo todos os dias, não com sofrimento, mas buscando realmente deixar uma obra consistente. Uma busca tola de imortalidade? Sei lá. Eu quero que meu cinema toque, transforme, emocione. Pode parecer pretensão, mas acredito que o cinema existe para isso — para mexer com as pessoas. Na minha opinião, é a grande motivação de quem escreve, dirige, faz cinema. Foi por isso também que trouxemos Os Irmãos Timóteo, para o filme... Uma forma de recuperar a memória de Artur e João, dois precursores do modernismo no Brasil, com mais de seiscentas pinturas, e ainda assim sem a relevância devida. Retomar essas obras através do Félix, dar corpo a esses personagens esquecidos, talvez seja uma forma de reparação. E o filme fala muito disso.

Teus filmes tratam de heróis (dos mais humanos, dos menos hercúleos) que se encontram num fluxo afetivo... sempre rodeados de água (o mar em "Mergulho"; Iemanjá em "Memórias Com Vista Pro Mar")... que pode redefinir seu futuro. O que esse "heroísmo" da sobrevivência fala sobre a condição masculina do presente?

Acho que esse heroísmo hoje se redefine no lugar do homem preto que busca outros sentimentos, além de todo estigma e estereótipo que carrega. Um homem que pode ser sensível, ter suas fraquezas, que não precisa se mostrar forte o tempo todo. Nos dois filmes — "Mergulho" e "Memórias" — vejo personagens que reconhecem que erraram. No "Mergulho", ao revisitar a casa e o passado; em "Memórias", com Félix mergulhando nas próprias lembranças. Ambos fazem esse movimento de reconexão, de coragem para pedir desculpas e ajustar a própria vida. É uma disponibilidade rara e, ao mesmo tempo, muito necessária. Talvez seja algo que eu mesmo procuro — e que a minha geração também esteja buscando: essa coragem do perdão e de se perdoar.

Que projetos se desenham para o teu futuro?

Em 2026, estreia "Passinho no Ritmo dos Sonhos" que criei, escrevi, dirigi e fiz direção geral, para a Disney. E acabei de dirigir mais um filme, "F.O.M.E. - Falta de Oportunidade e Motivação Espiritual". É um curta no qual retomo a parceria com William Costa. É um trabalho que mistura crítica social, Exu, distopia, Spike Lee, numa reflexão sobre a consciência que precisa ser ao mesmo tempo social e espiritual — porque acredito que esses caminhos se encontram e andam juntos. Ao mesmo tempo, seguimos a luta, através da minha produtora, a Dédalo, para levantar nosso primeiro longa, "Cinco Pretos e Um Pardo". Se tudo der certo, em 2026 estaremos filmando — levando adiante essa busca, que é também reparação, denúncia e celebração.

Inestimável
'Valor Sentimental'

Tratado como concorrente em potencial ao Oscar, drama noruguês ganhador do Grande Prêmio de Cannes reforça em solo carioca seu prestígio de escopo global para brigar em Hollywood

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

'Valor Sentimental' chega ao Rio referendado por aclamações

Passados 25 minutos da primeira projeção mundial do drama familiar "Valor Sentimental" ("Affeksjonsverdi"), no último Festival de Cannes, a imprensa presente na sessão do longa norueguês entreolhou-se e compartilhou... baixinho... na cumplicidade, um comentário: "Vem Oscar daí". Concorrente à Palma de Ouro, o novo exercício autoral de Joachim Trier, realizador de "A Pior Pessoa Do Mundo" (2021), saiu da Croisette com o Grande Prêmio do Júri e seguiu sendo aclamado em telas de Roterdã e de San Sebastián.

É a vez de dar o ar de seu esplendor sob as bênçãos do Redentor, no 27º Festival do Rio, onde estreia nesta segunda (6), às 19h30, no Odeon. Haverá uma segunda projeção na sexta, às 21h30, na sala 6 do Cinesystem Belas Artes.

Joachim retoma a parceria com a (monumental) atriz Renate Reinsve nesse devastador relato sobre acerto de contas entre filha, pai, teatro e cinema. Seu cacife só faz subir nas apostas para as estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

"Meu pai fazia som no cinema e eu construí essa história buscando meios de domar os hiatos que o silêncio produz, sem o interesse de preenche-los, mas, sim, de contorna-los", respondeu Joachim ao Correio da Manhã em Cannes.

Em fevereiro, a Noruega, país que ele representa, conquistou o Urso de Ouro da Berlinale com "Dreams (Sex Love)", já lançado no Rio, e também atento a faíscas em família. Dilemas maternos e (sobretudo) paternos explodem em "Valor Sentimental". Seu roteiro aborda o ônus nas conexões de sangue a partir da simbiose entre as irmãs Nora e Agnes, vividas por Reinsve e Inga Ibsdotter Lilleaas. Elas reencontram seu pai distante, o carismático cineasta Gustav Borg (encarnado num Stellan Skarsgård em estado de graça), com quem perderam, faz tempo, o convívio. Depois que a mãe delas suicidou-se, ele foi se afastando gradualmente, para se dedicar a uma carreira, consagrada, como documentarista. No momento em que Nora vive o apogeu de sua trajetória como atriz nos palcos escandinavos, ele volta e oferece a ela um papel central num projeto que marca seu retorno à ficção. Quando Nora recusa, ela logo descobre que ele deu seu papel a uma jovem estrela de Hollywood, Rachel (Elle Fanning), que almeja ser mais do que uma jovem diva hollywoodiana. Com a chegada da moça, as duas irmãs precisam lidar com as mágoas de outrora e exorcizar fantasmas. "Escolho filmes que discutam a dramaturgia da falta do diálogo, hoje tão presente na sociedade", disse Renate ao Correio.

Tem mais uma sessão do longa no domingo, às 16h45, no Estação NET Gávea 5.

AS BOAS DO DIA - SEG (6/10)

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação

GÓRGONA, de Evi Kalogiropoulou (Grécia): Há vertores milenares da tragédia neste thriller que se ambienta nma pobre cidade-estado dominada por uma refinaria que trata gasolina como ouro. Lá, os homens, todos armados, detêm o poder absoluto, só que Nikos, o líder, está gravemente doente e tem que organizar a sucessão. O choque acontece quando ele inclui sua protegida, Maria, entre os candidatos ao "trono" de um Olimpo neorrealista. Onde: Estação NET Rio 4, 18h30.

ELEFANTES FANTASMAS ("Ghost Elephants"), de Werner Herzog (EUA): Há 20 anos, o diretor alemão que fez fama ao transpor a fronteira da insanidade (em "Aguirre" e "Fitzcarraldo") foi reinventado no Panteão da autoralidade pelas vias do documentário ao lançar "O Homem-Urso". Ele volta a refinar as cartilhas da não ficção ao explorar o fim anunciado de uma espécie que predadores industriais resumem a marfim, nas matas da República do Congo. Onde: Estação NET Gávea 3, 18h15.

TRÊS DESPEDIDAS ("Tre Ciotole"), de Isabel Coixet (Itália): Artesã autoral consagrada por retratar o quanto o amor sabe ser implacável, a diretora de "Fatal" (2008) volta à ribalta com uma trama em italiano. Nela, tudo parte do que parece ser uma briga trivial entre Marta (Alba Rohrwacher) e Antonio (Elio Germano). O casal termina a relação, na fricção do ressentimento. A reação de Marta é se fechar em si mesma e ficar fora do mundo. Onde: Kinoplex São Luiz 2, 21h30.

A sanidade em xeque na **era digital**

Danielle Winits estrela adaptação de Gerald Thomas para clássico de Jane Wagner no Teatro Copacabana Palace

A cena teatral carioca recebe eeste mês uma das obras mais provocativas do repertório contemporâneo internacional. "Choque! Procurando Sinais de Vida Inteligente" chega aos palcos nacionais pelas mãos do diretor Gerald Thomas, que adapta o clássico texto da dramaturga estadunidense Jane Wagner para os dilemas da era digital. No palco do Teatro Copacabana Palace, Danielle Winits assume o desafio de dar vida a múltiplos personagens em um monólogo que questiona se ainda existe racionalidade em meio ao caos contemporâneo.

A peça original, "Procurando Sinais de Vida Inteligente no Universo", marcou época em 1985 quando Lily Tomlin a interpretou nos Estados Unidos. Quatro décadas depois, Thomas reconhece que o mundo mudou drasticamente e incorpora essas transformações à dramaturgia. "Em 1985 não haviam redes sociais ou IA, a teoria de Andy Warhol de que todos iriam ter seus 15 minutos de fama ainda era uma fantasia longínqua e não um pesadelo psicopático", observa o diretor. Para ele, a epidemia de influenciadores digitais pode estar condenando as novas gerações a "desaprender tudo aquilo que a história nos ensinou", criando uma era de deletação e apagamento que Wagner não poderia prever.

O espetáculo estrutura-se como um exercício de metateatro, onde uma única intérprete transita entre diferentes vozes e contextos sociais. Winits encarna desde executivas bem-sucedidas até catadoras de lixo, construindo uma narrativa que mescla humor afiado e crítica social sem cair no panfletário. A personagem central, uma ex-consultora criativa que enlouqueceu ou talvez tenha sido a única a manter a sanidade, acredita ter sido contactada por extraterrestres interessados em descobrir se ainda existem sinais de vida inteligente na Terra. "A dúvida que ela levanta é quase um paralelo ao 'ser ou não ser, eis a questão'. Será que ela perdeu a sanidade? Ou foi a realidade que, de tão absurda, se tornou incompreensível?", questiona a atriz.

Robert Schwenck/Divulgação

Sob a direção de Gerald Thomas, Danielle Winits assume vários personagens

A encenação de Thomas traduz visualmente essa fragmentação contemporânea através de um cenário que dialoga com a estética pop de Andy Warhol. Uma torre móvel e rotativa serve simultaneamente como figurino e elemento cênico, composta por uma montanha de lixos, latas de sopa Campbell, pacotes de Brillo, antena parabólica e painel de LED. O artista plástico Rinaldo Escudeiro assina quadros que referenciam tanto os ícones warholianos quanto objetos cotidianos como geladeiras, post-its e carrinhos de supermercado, incluindo o próprio rosto da personagem em escala agigantada.

O piso do palco ganha textura através de tecidos e espumas que criam relevos irregulares, enquanto pedaços de couro suspensos remetem a um curtume ou açougue, reforçando a atmosfera de decomposição e renascimento. Escadas finas e irregulares se perdem na altura do urdimento, elemento recorrente nos desenhos e obras de Thomas, sugerindo a busca por transcendência em meio ao caos material.

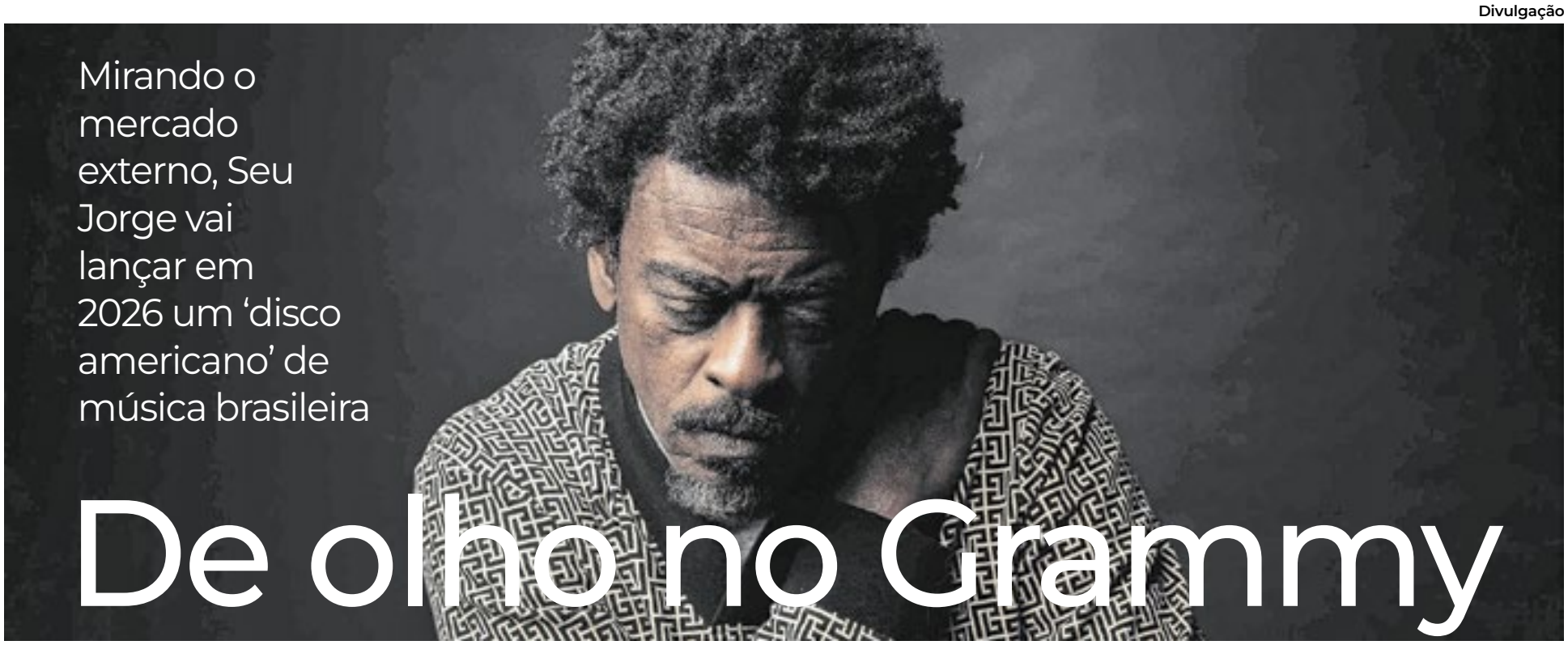
Jane Wagner construiu um texto que equilibra ironia e compaixão, pontuado por referências que transitam do pop ao filosófico. A crítica social emerge naturalmente da experiência dos personagens, confrontando as contradições do mundo moderno sem perder a leveza necessária ao humor inteligente. Thomas reconhece na obra original uma estrutura dramatúrgica que permite atualizações constantes, incorporando as lacunas que as décadas perdidas precisam preencher.

SERVIÇO

CHOQUE! PROCURANDO SINAIS DE VIDA INTELIGENTE

Teatro Copacabana Palace
(Av. Atlântica, 1702)
Até 2/11, de quinta a sábado (20h) e dmingos (17h)
Ingressos entre R$ 120 e R$ 60 (meia) e R$ 210 e R$ 110 (meia)

Divulgação



Mirando o mercado externo, Seu Jorge vai lançar em 2026 um 'disco americano' de música brasileira

De olho no Grammy

Por **LUCAS BRÊDA** (Folhapress)

Seu Jorge está na Black Service, produtora que ele comanda, sediada num estúdio moderno na garagem de sua casa em Barueri, na região metropolitana de São Paulo. Ele retira de um saco uma foto feita nos Estados Unidos há 16 anos, em que aparece num momento casual, durante o dia, usando óculos escuros e segurando a caixa de um violão. "Essa imagem é de 2009. Fiz questão de que ela fosse a capa", ele diz, tratando de seu próximo álbum, que vem gravando desde quando posou para essa foto. "Fiz um disco meio sinfônico. É bem diferente de tudo o que já fiz."

Os shows da turnê de seu álbum mais recente, o primeiro de inéditas em dez anos, "Baile à la Baiana", lançado em fevereiro, seguem a todo vapor. Mas Seu Jorge não está muito interessado nisso. "Deixa eu mostrar esse negócio aqui", diz, os olhos fixos no celular, de onde dispara as canções inéditas até um alto-falante.

"The Other Side", o "disco americano" de Seu Jorge, deve sair no primeiro semestre do ano que vem. Ele canta em inglês e em português, entre o jazz, a bossa nova, o samba e o sonho - há um toque psicodélico, influência da sonoridade do Clube da Esquina, e uma ambientação cinematográfica. "É um disco de música brasileira feito fora do país. Quis fazer samba para o gringo ouvir e falar que 'sim, o Brasil continua'", ele afirma. "E onde eu pudesse também me expressar mais como intérprete, não só como autor."

Seu Jorge lembra como referência o catálogo da gravadora alemã ECM Records, que lançou gente como Chick Corea e Keith Jarrett, além de obras com os brasileiros Egberto Gismonti e Naná Vasconcelos. Busca o estilo de composição de Claus Ogerman, maestro alemão que foi arranjador de discos fundamentais na exportação da bossa nova -em especial os de Tom Jobim, mas também "Amoroso", de João Gilberto.

O álbum traz versões de "Crença", que Milton Nascimento gravou em seu primeiro disco, de 1969, de "Caboclo", de Arthur Verocai, e da música "Girl You Move Me", de uma banda canadense de funk e soul do anos 1970 pouco conhecida, a Cane & Able. Há um dueto intenso com Maria Rita em "Vento de Maio", composição de Márcio Borges gravada pelo irmão Lô Borges e também pela mãe da cantora, Elis Regina. "Nunca vou me esquecer de olhar para a cara dela no dia da gravação. Foi muito emocionante", ele conta. "Maria Rita jogando nessa posição é camisa dez, jogadora cara. A bola rola fácil."

Ele também divide os microfones com o cantor americano Beck, fã de música brasileira e detentor de um Grammy de álbum do ano. Os dois interpretam "River Man", de Nick Drake, cantor britânico morto em 1974, mas cultuado pelo mundo afora até hoje. Seu Jorge ainda canta o que chama de "samba sem cavaco", uma composição do violonista Cézar Mendes, e se aprofunda nas cordas, nos sopros, nos solos de guitarra, nas baterias de jazz e nos pianos no estilo João Donato, guiando tudo com um grave aveludado.

A obra vem para consolidar o brasileiro como expoente da música de seu país fora dele -em especial nos Estados Unidos. Conhecido pelo trabalho no cinema -incluindo atuações em "Cidade de Deus" e "A Vida Marinha com Steve Zissou", este de Wes Anderson-, o carioca também já cantou suas versões desconstruídas de David Bowie em horário nobre no prestigioso festival Primavera Sound, em Barcelona, além de se apresentar no americano Coachella, entre outras atrações.

Mais do que isso, o cantor morou anos em Los Angeles, o coração da indústria fonográfica. Mesmo de volta ao Brasil, ele tem boa circulação por lá. "Aquilo me serviu para entender como funcionava, como era o centro da indústria do entretenimento. Fui ficar um ano lá, mas as coisas foram acontecendo -e fui ficando."

Ao longo da década passada, Seu Jorge se moveu entre as porções norte e sul do continente americano. Manteve a carreira em alta em seu país de origem, para onde voltou de vez na pandemia, em particular com os dois volumes de "Músicas para Churrasco" e uma agenda sempre cheia.

Exímio e versátil intérprete, Seu Jorge já cantou um pouco de tudo, mas sua obra solo é mais conhecida pelo caldo de soul, funk e samba e o clima de descontração -de "Burguesinha" ao novo "Baile à la Baiana". Em "The Other Side", como o título sugere, as músicas revelam, nas palavras dele próprio, um "outro cara", mais ligado à MPB do século passado e à tradição dos grandes instrumentistas da música brasileira. "Vamos atrás de João Gilberto. Eles deixaram tudo para a gente investigar. Por que não se faz mais? Estou em busca de trazer sonoridade à atualidade", diz Seu Jorge. "Nossa música pop, quando explora isso, é num lugar de memória --e não de autoridade. Estou atrás da beleza."

É um dos trabalhos mais arrojados de Seu Jorge. Também um passo ambicioso de uma trajetória que começou no subúrbio do Rio de Janeiro, onde ele nasceu em 1970, viveu fazendo bicos e fugindo da violência policial até servir ao Exército e se encontrar como artista.

Foi só há pouco tempo, ele diz, que passou a entender sua origem não como pobre, mas miserável. "Ocupei casa até os 12 anos, não tinha dinheiro para nada", diz. "Era o trabalho que me mantinha longe de constrangimento. Teve uma época, eu já rapaz de voz grossa, que era duro. Era blitz, brutalidade. Se eu não trabalhasse, aos olhos da polícia, era vagabundo."

Desde que viu a possibilidade de ser artista, ele conta, nunca duvidou de que daria certo. "Sou um sobrevivente. Quando não dava para acreditar em nada, acreditava em tudo. Continuo assim. Sou um maluco dos sonhos."

Agora, tem sido alvo de sua própria curiosidade o motivo de não ter desistido na adversidade. "Em algum momento entendi que eu não precisava de pressa para ter as coisas. E abri mão de ter coisas. Só queria ser. Deixei de querer ter dinheiro para ser o dinheiro. De querer ter uma casa para ser minha casa. Passei a ser o que eu queria ter."

Enquanto toca seu próximo disco, ele é atingido pelas ondas sonoras. "Desculpe, vou aumentar", diz, conforme cresce um solo de guitarra de sua versão lisérgica de "Caboclo". "É que não tenho com quem dividir. Estou aproveitando essa oportunidade."

Quando se aproxima do fim a audição informal de "The Other Side", Seu Jorge diz que não tem um carinho especial pelo álbum - ou melhor, até tem, mas só até ele ser lançado. "Depois, é do mundo", afirma. "Mas quero mesmo é o Grammy - e o americano. Vou tentar ser indicado. Ganhar já é outra coisa. Se for indicado, já ganhei", comenta.

Secretário revela **seus sabores**

Vila em Pedro do Rio concentra restaurantes que valorizam produtores locais e atraem o público carioca

Por **Affonso Nunes**

A pequena Secretário, no distrito de Pedro do Rio em Petrópolis, é um destino gastronômico serrano que combina belezas naturais com culinária de qualidade. A região atrai cariocas e turistas em busca de experiências culinárias que valorizam ingredientes locais e atmosfera rural.

Inaugurado em 2019 pelo casal Anna Dolezal e Lucca Medeiros, o Sítio Gastronômico mais parece uma casa de campo cercada por mata e morros. Neste aconchego, Anna, formada pela Le Cordon Bleu, desenvolve pratos como lulinhas grelhadas (R$ 68) e costelinha de porco Duroc (R$ 128), utilizando temperos da horta própria e produtos de fornecedores regionais. Lucca cuida da carta de vinhos e sempre está pronto para sugerir as melhores harmonizações.

O Catarina's Bar & Bistrô une gastronomia e hospitalidade. Catarina, chef pela Le Cordon Bleu, e Raphael, sommelier com 12 anos de experiência, oferecem desde crudo de peixe (R$ 75) até carnes na parrilla como entraña (R$ 95) e pirarucu amazônico (R$ 98). Às quintas-feiras, promovem o Tokyo Thursdays, experiência asiática com lamen e yakitori. A casa prioriza vinhos brasileiros em sua carta.

Aberta há um ano por Silvana Catherine e Renan Abreu, a Maritsa Forneria especializou-se em pizza romana no talho. A massa da casa é um blend de farinhas italianas, molho San Marzano e fermentação natural de 48 a 72 horas. Entre as opções, destacam-se a pizza com queijo Lua Cheia (R$ 95) e a de pera com gorgonzola da Mantiqueira (R$ 87).

Os três estabelecimentos compartilham da mesma filosofia: valorizar os produtores locais, ingredientes sempre frescos e aquele ambiente acolhedor de nossa incrível Região Serrana.

Tomás Rangel/Divulgação

O Sítio Gastronômico usa temperos de sua horta própria

SERVIÇO

Sítio Gastronômico: Estrada Francisco Guimarães, 1100. Sex e sáb (12h30 às 22h) e dom (12h30 às 18h). (24) 99926-5873

Catarina's Bistrô: Estrada do Secretário, 180. Qui (18h às 22h), sex (12h30 às 22h), sáb (12h às 22h) e dom (12h às 17h). (21) 99642-8537

Maritsa Forneria: Estrada do Secretário, 246. Qui (18 às 22h30), sex (18 às 23h) e sáb (12h às 23h). (21) 99568-7867

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR AFFONSO NUNES

Ana Paula Santos/Divulgação

Sabor ibérico

A Officina Local lança a pizza sazonal Pirineus (R$ 69), criada pelo pizzaiolo Guilardo Rocha com embutidos da charcutaria paulista Pirineus. Uma opção para quem aprecia sabores ibéricos autênticos. Rocha nos conta que sua receita combina chorizo e sobrasada mallorquina sobre base de queijos brancos, sálvia fresca e mel. A iguaria esté disponível nas unidades de Copacabana e Botafogo. A pizza pode ser harmonizada com syrah 2022 da Vinícola Tassinari (R$ 185, garrafa / R$ 39, taça), medalha de ouro na Grande Prova de Vinhos Brasil 2025.

Vinhos da casa

O Esperança.Eco, em Laranjeiras, lança linha própria de vinhos e café. Em parceria com a vinícola Bellaquinta, de São Roque (SP), criou três rótulos: Branco Moscato, Rosé e Tinto Cabernet Sauvignon (R$ 105 cada). O café exclusivo é produzido pelo Café Ao Leu com grãos de altitude e notas de chocolate e doce de leite (R$ 52, 250g). A chef Verônica Moreira define como "evolução natural" do restaurante vegetariano, buscando experiências autênticas alinhadas à sustentabilidade e qualidade artesanal da casa.

Santiago Harte/Divulgação

Divulgação

Para os miúdos

O Empório Farinha Pura faz de outubro um mês de descobertas culinárias para o público infantil. O mercado gourmet do Humaitá preparou uma agenda que combina gastronomia, arte e sustentabilidade, tendo como ponto alto o tradicional Café da Manhã com personagens no Dia das Crianças. Neste domingo (12), das 9h às 12h, os personagens dos Smurfs invadem o espaço para um café da manhã especial com os pequenos. O evento inclui buffet livre, pintura facial e distribuição de brindes. Crianças de 4 a 8 anos: R$ 49,90 | Adultos: R$ 84,90.

POR **CARLOS MONTEIRO** | FOTOS E TEXTO

O Rio ocult(ad)o

Já imaginou olhar para os céus e só enxergar um fog de fios e postes mal-acabados, verdadeira poluição visual e deixar de ver todas as maravilhas que o Rio pode oferecer aos olhos e ao coração? Verdadeiro deleite inebriante que está diante de nós mas, como se estivéssemos vendados, estamos 'proibidos', impedidos e 'amordaçados' de ver?

Pois é; o Rio caminha assim. São milhares de metros de fios enfeiando a cidade mais bela do Planeta, descaso total daqueles que deveriam zelar pelo patrimônio da exterioridade carioca, isso sem falar na poda das árvores que, para além de encobrirem toda a beleza que a cidade nos deleita, causam transtornos pela falta de manutenção.

A cada dia tudo parece ficar mais feio e desleixado. São árvores sem poda, sem manutenção preventiva, descuidadas, são calçadas mal-amanhadas, esburacadas, verdadeira viagem lunar. Qualquer dia o carioca terá de aprender alpinismo e fazer rapel para se salvar de tantas crateras que precisam ser transpostas.

E as ruas e avenidas? Destas nem precisamos comentar. O motorista precisa fazer 'a escolha de Sophia' para antepor as crateras menos piores para 'desabar'. O resultado são sacolejos, trepidações e suspenções danificadas pela má vontade do alcaide e seus asseclas, em cuidar melhor deste que é o 'almoxarifado de Deus'.

E as soluções? São sempre as mais fantásticas possíveis: remendos e pó de pedra, arremedos mal-amanhados para disfarçar o descuido que a cidade se encontra.

A Cidade Maravilhosa não merece tal descuido e descaso, não mesmo!

Será que seus governantes subitamente foram acometidos de algum mal que os leva a preocupações com a reeleição deixando de lado, varrendo para baixo do asfalto, os problemas básicos que o cotidiano apresenta?

Será um "Ensaio sobre a cegueira"? Espero orações vindas do Redentor para uma melhora significativa dos cuidados que a Maravilhosa merece.

Porque o Rio não merece!